

QHICHWA CHINKAPUCHKAN MANA WAWASMAN YACHACHISQANCHIKRAYKU: AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES NO POVO INDÍGENA LECO

CAMILA ALEJANDRA LOAYZA VILLENA¹; ISABELLA MOZZILLO²; LETÍCIA FREITAS³

¹*Universidade Federal de Pelotas – loayza.cami4@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com (orientadora)*

³*Universidade Federal de Pelotas – letirfreitas@gmail.com (coorientadora)*

1. INTRODUÇÃO

Desde o período colonial, a vulnerabilidade dos povos indígenas é latente. Diversas formas de violência fomentam um processo de aculturação, de homogeneização. Na Bolívia, um cenário atravessado pela colonialidade desde a invasão do território pelos espanhóis, diversas culturas foram extermínadas. No concernente às línguas, se dá início, no período colonial, a um deslocamento linguístico que atua em favor do espanhol e que utiliza como principais ferramentas a imposição do silêncio e a desvalorização das línguas indígenas (RIVERA-RODAS, 2016; VERONELLI, 2015). Como assinalam LÓPEZ (2008), LÓPEZ e TAPIA (2016), RIVERA (2010), SICHRA (2009; 2013), inclusive após a promulgação da constituição política do estado, em 2009, que reconhece nosso caráter pluricultural e multilíngue, o número de falantes de línguas indígenas diminui progressivamente e um dos principais fatores é a falta de transmissão intergeracional (ALBÓ, 2015; SICHRA, 2016).

Por isso, com esta pesquisa em andamento, procuro me aproximar e compreender alguns aspectos culturais da realidade do povo indígena Leco de Apolo, localizado na Bolívia, no departamento de La Paz, província de Franz Tamayo, na região que conforma o sudeste da Amazônia. Esta zona se caracteriza por ser uma transição entre o andino e o amazônico, razão pela qual tem uma presença importante de biodiversidade. Uma constante na história deste ecossistema é a degradação ambiental, provocada por colonizadores que ocupam o território para realizar atividades extrativistas (DÍEZ, 2018). Os impactos destas atividades na configuração cultural do povo Leco se evidenciam, entre outros aspectos, nas línguas utilizadas pelos membros das comunidades.

Pelo mencionado anteriormente, o objetivo da pesquisa é identificar e descrever as ideologias linguísticas e políticas que configuram as políticas linguísticas familiares, as quais podem atuar, neste caso, em favor da manutenção da língua quíchua ou promover o deslocamento em favor do espanhol. Das dezenove comunidades que compõem o povo indígena Leco, foram selecionadas três para fazer a pesquisa. Este recorte se justifica pela localização geográfica das comunidades e a influência que exerce um centro urbano, como Apolo, nas decisões linguísticas dos falantes. As selecionadas foram Puchachui, por sua proximidade a Apolo, Atén, por estar a uma distância média, e Sarayoj, por ser a mais distante.

Atualmente o povo indígena Leco de Apolo está sofrendo de agressões por parte de pessoas ligadas à mineração aurífera. A invasão de seus territórios está provocando uma migração forçada, morte de dirigentes das comunidades e exposição ao mercúrio que afeta principalmente mulheres e crianças. Por causa

disso, a coleta de dados foi adiada até que a situação seja propícia para poder ingressar nas comunidades.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa se encaixa dentro da definição de qualitativa, com um caráter descriptivo e interpretativo, já que se fará no mesmo contexto onde se verifica o problema e o método escolhido é o etnográfico. O levantamento dos dados se realizará por meio das técnicas metodológicas como: entrevistas em profundidade, entrevistas semiestruturadas, storytelling e a observação direta; de forma que o material que seja proporcionado descreva o quotidiano e permita uma aproximação a cosmovisão do povo indígena Leco. Acredito que estes métodos sejam os mais adequados em razão de que as práticas, que são o foco da pesquisa, não têm sido registradas e, por causa disso, não existem dados quantitativos suficientes a respeito. Por tal motivo, também podemos rotular esta pesquisa de tipo exploratória devido ao escasso ou nulo conhecimento sobre as políticas linguísticas familiares nas comunidades lecas.

Ao visar fazer uma proposta de revitalização do qhichwa nas comunidades lecas, o projeto também se enquadra na denominada pesquisa participativa, pelos seguintes motivos: o problema tem sua origem na comunidade a ser estudada; procura a transformação da sua realidade, assim como formas de melhorar sua vida; e busca (re)lembrar a riqueza inata do plurilinguismo, bem como colaborar na formação de grupos organizados que funcionem como revitalizadores da língua qhichwa (RODRÍGUEZ, GIL, GARCÍA, 1996, p. 31).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como foi mencionado, a pesquisa continua em andamento. Neste primeiro período, o que foi feito é uma revisão bibliográfica extensa, a qual permitiu vislumbrar os possíveis resultados que se podem obter de uma análise linguística focada em traçar trilhas para a revitalização de uma língua minoritária, em um contexto atravessado pela colonialidade.

Os resultados previstos, de acordo a estudos similares, são que a transmissão intergeracional da língua quíchua não acontece pelos preconceitos que sofrem os falantes de línguas indígenas no exercício de sua cidadania e na escola (COTACACHI, 1996). Em estudos realizados fora da Bolívia (MOZZILLO, 2015; EDWARDS e PRITCHARD, 2006), se evidencia que são mitos sobre o bilinguismo infantil os que promovem que as crianças sejam educadas como monolíngues na língua majoritária. Por este motivo, um dos resultados esperados é a identificação desses mitos e sua influência nas decisões linguísticas dos progenitores.

4. CONCLUSÕES

O trabalho ainda não apresenta nenhuma conclusão já que ainda está em andamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÓ, X. Contactos sociolingüísticos de los pueblos indígenas de Bolivia. In: CREVELS, E.; MUYSKEN, P. (eds.) *Lenguas de Bolivia. Tomo IV. Temas Nacionales*. La Paz: Plural editores, 2015, Cap. 5, p. 127 - 163.
- COTACACHI, M. Attitudes of teachers, children and parents towards bilingual intercultural education. In: HORNBERGER, N. (ed.). *Indigenous literacies in the Americas: Language planning from the bottom up*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 285 - 298.
- DÍEZ, A. *Compendio de etnias indígenas y ecoregiones de Bolivia*. La Paz: Biblioteca del Bicentenario de Bolivia, 2018, p. 495 - 530.
- EDWARDS, V.; PRITCHARD, L. Back to basics: Marketing the benefits of bilingualism to parents. In: GARCÍA, O.; SKUTNABBKANGAS, T.; TORRES-GUZMÁN, M. *Imagining multilingual schools: Languages in education and glocalization*. USA; UK; Canada: Cromwell Press Ltd, 2006. p. 137 - 149.
- LÓPEZ, L. Top-down and Bottom-up: Counterpoised visions of bilingual intercultural education in Latin American. In: HORNBERGER, N. (ed.). *Can schools save indigenous languages? Policy and practice on four continents*. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 42 - 65.
- LÓPEZ, P., TAPIA, L. ¿Descolonización o neo-colonización del territorio en Bolivia? La defensa de la territorialidad indígena en tierras bajas frente a la recreación neo-extractivista del colonialismo interno. In: PORTO-GONÇALVES, C.; HOCSMAN, L. (orgs.). *Despojos y resistencias en América Latina, Abya Yala*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2016, p. 77 - 106.
- MOZZILLO, I. Algumas considerações sobre o bilinguismo infantil. *Veredas: Revista de estudos linguísticos*, v. 19, n. 1, 2015, p. 147 - 157.
- RIVERA, S. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- RIVERA-RODAS, Ó. *Escritura de dios y voz degollada: Orígenes de las letras americanas*. La Paz: Plural editores, 2016.
- RODRÍGUEZ, G., GIL, J.; GARCÍA, E. *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga: Editorial Aljibe, 1996.
- SICHRA, I. ¿Soñar con una escuela coherente con la interculturalidad en Bolivia? In: LÓPEZ, L. (ed.). *Interculturalidad, educación y ciudadanía perspectivas la-tinoamericana*. La Paz: Plural editores, 2009. p. 95 - 127.
- _____. Estado plurinacional - sociedad plurilingüe: ¿solamente una ecuación simbólica? *Revista Páginas y Signos*, Cochabamba, vol 9, p. 70-118, 2013.
- Políticas lingüísticas en familias indígenas: cuando la realidad supera la imaginación. *UniverSOS: Revista de lenguas indígenas y universos culturales*, València, n. 13, p. 135 - 151, 2016.
- VERONELLI, G. Sobre la colonialidad del lenguaje. *Universitas humanística*, Bogotá, n. 81, p. 33 - 58, 2015.